

CÁTIA VANESSA ADRIANO CUNHA ROSA

**SINTOMATOLOGIA PSICOLÓGICA E
PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA
IDENTIDADE EM ADOLESCENTES E ADULTOS
EMERGENTES**

Orientadora: Professora Doutora Ana Nazaré Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2018

CÁTIA VANESSA ADRIANO CUNHA ROSA

**SINTOMATOLOGIA PSICOLÓGICA E
PROCESSOS DE DESENVOLVIMENTO DA
IDENTIDADE EM ADOLESCENTES E ADULTOS
EMERGENTES**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 11 de Julho de 2018, perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 208/2018, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2018

Agradecimentos

Desde já agradeço do fundo do coração, à Professora Doutora Ana Prioste, pelo apoio incondicional e por ter sido uma orientadora maravilhosa! Ensinou-me muitas coisas. Esta foi uma das experiências que mais marcou a minha vida e foi vivida de forma muito positiva. Obrigada professora Ana Prioste!

Quero também agradecer, em especial, a todos os outros professores, que fizeram parte do meu percurso académico. Obrigado a todos pela dedicação!

Por último, mas não menos importante, não posso deixar de fazer reparo ao apoio prestado pelos meus queridos pais, sem eles nada tinha sido possível.

Agradeço ainda ao meu namorado pela paciência que tem tido comigo! Ao resto da minha família e a todos os outros que fizeram ou fazem parte da minha vida e que, de alguma forma, contribuíram para aquilo que sou hoje.

Obrigado a todos pelo apoio!

Resumo

Com recurso a um desenho quantitativo transversal, o presente estudo pretende estudar: a relação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e os cinco processos de desenvolvimento identitário em adolescentes (15-18 anos) e adultos emergentes (19-25 anos); as diferenças nas variáveis referidas, em função da etapa desenvolvimental (adolescência *versus* adultez emergente); e o papel moderador da etapa desenvolvimental, na relação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento identitário. Foi recolhida uma amostra de 404 participantes ($N = 404$), 120 adolescentes e 284 adultos emergentes, através de um procedimento não probabilístico. Os participantes responderam a um conjunto de questionários: Questionário sociodemográfico, para recolha de dados pessoais; Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário, para avaliar os processos de desenvolvimento identitário; e Inventário de Sintomatologia Psicológica para avaliar a sintomatologia ansiosa e depressiva. Os resultados mostraram que: a etapa desenvolvimental se encontra associada aos processos de desenvolvimento identitário; o grupo de adolescentes apresenta níveis mais elevados de exploração ruminativa e o grupo de adultos emergentes apresenta níveis mais elevados nos outros processos; a etapa desenvolvimental modera a relação existente entre a sintomatologia ansiosa/depressiva e a exploração ruminativa. São discutidas as implicações para a literatura e prática clínica, as limitações deste estudo e estudos futuros.

Palavras-chave: desenvolvimento identitário; ansiedade; depressão; adolescência; adultez emergente.

Abstract

Using a cross-sectional quantitative design, the present study aimed to study: the relationship between anxious and depressive symptomatology and the five identity developmental processes in adolescents (15-18 years) and emerging adults (19-25 years); the differences in those variables, in function of the developmental stage (adolescence versus emerging adulthood); and the moderating role of the developmental stage, in the relation between anxious and depressive symptomatology and the identity development processes. A sample of 404 participants ($N = 404$) was collected, 120 adolescents and 284 emerging adults, through a non-probabilistic procedure. Participants answered a set of questionnaires: Sociodemographic questionnaire, for the collection of personal data; Scale of Identity Development Dimensions, to evaluate the processes of identity development; and Inventory of Psychological Symptomatology to evaluate the anxious and depressive symptomatology. The results point out that: the developmental stage is associated to the processes of identity development; the group of adolescents presents higher levels of ruminative exploration, whereas the group of emerging adults reveal higher levels of the other processes; the developmental stage moderates the existing relation between anxious/depressive symptomatology and ruminative exploration. Implications for literature and clinical practice are discussed, as the limitations of the study and future studies.

Keywords: Identity development; anxiety; depression; adolescence; emerging adulthood.

Índice Geral

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract.....	5
Índice de Quadros	8
Índice de Figuras	9
Introdução	10
Desenvolvimento da identidade: Modelos teóricos	11
Adolescência e adultez emergente	13
Desenvolvimento da identidade e sintomatologia psicológica na adolescência e na adultez emergente	14
Método.....	16
Participantes.....	16
Procedimento de recolha de dados.....	17
Instrumentos.....	18
Procedimento de análise de dados	20
Resultados.....	21
Estatística descritiva e análise de correlações.....	21
Análise das diferenças entre etapas desenvolvimentais.....	23
Análise do papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a ansiedade e os processos de desenvolvimento da identidade	24
Análise do papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a depressão e os processos de desenvolvimento da identidade	26
Discussão	29
Implicações para a literatura e prática clínica.....	31
Limitações e estudos futuros.....	31
Referências Bibliográficas.....	33
Anexos	I
Anexo I: Termo de Consentimento Informado – Adultos Emergentes	II

Anexo II: Termo de Consentimento Informado e declaração de Consentimento Informado e Assentimento Informado - Adolescentes.....	III
---	-----

Índice de Quadros

Quadro 1 - <i>Estatística Descritiva e Análise das Correlações entre a Sintomatologia Ansiosa, Sintomatologia Depressiva, Compromisso, Identificação com Compromisso, Exploração em Amplitude, Exploração em Profundidade, e Exploração Ruminativa (N = 404)</i>	22
Quadro 2 - <i>Análise das Diferenças entre Grupos de Adolescentes e Adultos Emergentes em relação à Ansiedade, Depressão, Compromisso, Exploração em Amplitude, Exploração Ruminativa, Identificação com Compromisso e Exploração em Profundidade (N = 404).</i>	23
Quadro 3 - <i>Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na relação entre a Ansiedade e a Exploração Ruminativa.</i>	24
Quadro 4 - <i>Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na relação entre a Ansiedade e a Exploração em Profundidade</i>	25
Quadro 5 - <i>Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na relação entre a Depressão e a Exploração Ruminativa</i>	26
Quadro 6 - <i>Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na Relação entre a Depressão e a Exploração em Profundidade.</i>	28

Índice de Figuras

Figura 1. Efeito da etapa desenvolvimental na relação entre a ansiedade e a exploração ruminativa.	25
Figura 2. Efeito da etapa desenvolvimental na relação entre a depressão e a exploração ruminativa.	27

Introdução

A questão identitária “Quem sou?” desencadeia múltiplos processos inter-relacionados que são diferentemente enfatizados por vários modelos teóricos (e.g., desenvolvimental [Marcia, 1966; Kroger & Marcia, 2011], sociocognitivo [Berzonsky, 2011], social [Tajfel & Turner, 1986]). Como originalmente descrito por Erikson, no modelo de desenvolvimento psicossocial (1950, 1968), a identidade é um constructo multidimensional que envolve aspetos cognitivos, morais, culturais e sociais e abrange diversos níveis de análise, nomeadamente, pessoal, relacional e social. Erikson (1968) conceptualizou a identidade como um sentimento subjetivo de continuidade do *self* ao longo do tempo e dos contextos. Sendo um produto inacabado, está em constante desenvolvimento ao longo da vida, de acordo com as mudanças e as tarefas desenvolvimentais, o nível de ajustamento individual e a interação com o meio. O desenvolvimento da identidade é uma tarefa desenvolvimental comum à adolescência e à adultez emergente que se desenvolve de forma distinta nas duas etapas, atendendo às outras tarefas desenvolvimentais que lhes estão associadas e aos contextos relacionais em que decorrem. Por exemplo, os estudos sugerem que os adolescentes apresentem níveis mais elevados de exploração em amplitude (Arnett, 2000, 2005, 2007; Arnett & Brody, 2008; Erikson, 1968; Klimstra, Hale, Raaijmakers, Branje, & Meeus, 2010; Luyckx, Goossens, Soenens, & Beyers, 2006; Luyckx, Klimstra, Duriez, Petegem, & Beyers, 2013; Luyckx et al., 2008) e que os adultos emergentes apresentem níveis mais elevados de compromisso (Arnett & Brody, 2008; Luyckx et al., 2006, 2008, 2013; Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999; Meeus, Van De Schoot, Keijsers, Schwartz, & Branje, 2010). A literatura tem mostrado, de forma consistente, a associação entre os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica (nomeadamente, a ansiosa e a depressiva) em ambas as etapas desenvolvimentais (e.g., Luyckx et al., 2006, 2013; Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missotten 2011; Schwartz, Dunkel, & Waterman, 2009; Schwartz et al., 2015; Sica, Sestito, & Ragozini, 2014). Contudo, apesar destas evidências, a relação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento de identidade em adolescentes e adultos emergentes carece ainda de consistência empírica. Neste sentido, este trabalho propõe-se a compreender esta relação e de que forma esta é afectada

pela etapa desenvolvimental (adolescência e adultez emergente).

Desenvolvimento da identidade: Modelos teóricos

Na teoria do desenvolvimento psicossocial de Erikson (1968), a formação da identidade aparece como uma tarefa que se inicia na adolescência, mais especificamente no quinto estágio do desenvolvimento, e é representada pela vivência da crise entre a síntese (i.e., a reformulação das identificações do período de infância num conjunto de ideais valores e objetivos autodeterminados) e a confusão da identidade – ou seja, a incapacidade para desenvolver objetivos e compromissos. A resolução desta crise psicossocial envolve a exploração de uma variedade de alternativas e opções identitárias que permitam, posteriormente, a adesão a essas opções (Marcia, 1980). A partir dos trabalhos de Erikson (1968), James Marcia (1966) desenvolveu o modelo dos estados identitários, identificando dois processos centrais chave subjacentes ao desenvolvimento da estrutura identitária: a exploração, que se foca na experimentação de várias alternativas de vida; e o compromisso, que se centra na tomada de decisão em relação a uma ou mais alternativas experimentadas anteriormente.

Têm sido propostos vários modelos para expandir o modelo de estados identitários, nomeadamente o modelo do processo (Grotevant, 1987) e o modelo integrativo do desenvolvimento da identidade (Luyckx et al, 2008). O modelo do processo (Grotevant, 1987) focou-se na diferença entre a formação e a avaliação da identidade, tendo sugerido que estes processos deveriam ser incluídos num modelo mais abrangente e compreensivo, atendendo ao facto de que os processos formativos e avaliativos se inter-influenciam e se complementam. O modelo proposto por Luyckx e colaboradores (2008) sugere que o desenvolvimento da identidade ocorra num processo bi-cíclico, através da formação e da avaliação do compromisso, que realça a forma como o processo de desenvolvimento identitário pode ser revisitado após os compromissos serem estabelecidos. De acordo com este modelo, o ciclo de formação da identidade integra os processos exploração em amplitude (i.e., exploração de diferentes alternativas da identidade) e compromisso (i.e., adesão a compromissos de identidade, nomeadamente, a valores, objetivos e crenças. O ciclo de avaliação da identidade

engloba os processos de exploração em profundidade (i.e., reavaliação dos compromissos identitários) e identificação com o compromisso (i.e., o grau de identificação com os compromissos que foram assumidos). O processo exploração ruminativa remete para a dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias, conduzindo a um questionamento contínuo em relação às mesmas questões e a sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2008, 2011, 2013). Este processo é considerado como um processo inadaptativo, mais especificamente, um bloqueador do desenvolvimento da identidade (Beyers & Luyckx, 2014; Luyckx et al., 2008).

O volume de trabalhos internacionais focados no modelo proposto por Luyckx e colaboradores (2008) tem aumentado consideravelmente durante a primeira década deste século (Meeus et al., 2010). A maioria dos estudos focou-se na relação entre as dimensões da identidade e a personalidade (Klimstra, 2012; Klimstra, Meeus, Luyckx, & Goossens, 2011; Luyckx et al., 2006), a parentalidade (Chisholm & Hurrelman, 1995; Luyckx, Soenens, Vansteenkiste, Goossens, & Berzonsky, 2007; Sandhu, Singh, Tung, & Kundra, 2012), as estratégias de *coping* (Berzonsky, 2011; Luyckx, Klimstra, Duriez, Schwartz, & Vanhalst, 2012) e a sintomatologia psicológica (Luyckx et al., 2006, 2008, 2013; Schwartz et al., 2009; Schwartz et al., 2011; Schwartz, Zamboanga, Luyckx, Meca, & Ritchie, 2013).

A literatura centrada na relação entre os processos de identidade e a sintomatologia/ajustamento psicológica/o tem mostrado uma associação negativa entre o compromisso e a identificação com o compromisso e a sintomatologia depressiva (Crocetti, Rubini, & Meeus, 2008; Luyckx & Robitschek, 2014; Luyckx et al., 2011, 2013; Rossi et al., 2012; Schwartz et al., 2013; Sica et al., 2014). Em relação à exploração ruminativa, os resultados de vários trabalhos empíricos têm mostrado, de forma consistente, uma associação positiva entre este processo e a sintomatologia depressiva e ansiosa (e.g., Beyers & Luyckx, 2014; Crocetti et al., 2008; Luyckx & Robitschek, 2014; Luyckx et al., 2008, 2011, 2013; Ritchie et al., 2013; Rossi et al., 2012; Schwartz et al., 2013). A relação entre os processos de exploração em amplitude e em profundidade (perspetivados como adaptativos e associados positivamente à abertura ao mundo e à curiosidade [Luyckx et al., 2006]) e a sintomatologia psicológica carece ainda de consistência empírica. Enquanto alguns trabalhos têm mostrado

que estes processos de exploração estão associados positivamente a sintomatologia depressiva e ansiosa (Luyckx et al., 2006), outros têm sugerido uma associação negativa (e.g., Crocetti et al., 2008; Luyckx et al., 2013; Ritchie et al., 2013; Rossi et al., 2012).

Adolescência e adultez emergente

A adolescência e a adultez emergente são as duas etapas desenvolvimentais cruciais para o desenvolvimento identitário (Arnett, 2000; Erikson, 1968). A adolescência, definida pela Organização Mundial de Saúde (1997) como o período desenvolvimental que decorre entre os 10 e os 19 anos¹, engloba diversas tarefas desenvolvimentais para além do desenvolvimento da identidade, nomeadamente as mudanças profundas aos níveis físico, social, relacional, cognitivo e psicológico. A adultez emergente é uma nova etapa do desenvolvimento proposta por Arnett (2000), que, de uma perspetiva conservadora, decorre entre os 18 e os 25 anos. Esta etapa é definida como um prolongamento da adolescência, apesar de ser definida como período desenvolvimental distinto caracterizado pela instabilidade (e.g., mudança de casa; deixar de estudar para começar a trabalhar e períodos em que poderá também não ter emprego; instabilidade nas relações amorosas), a vivência da ambiguidade entre não ser adolescente e não se sentir ainda adulto, e a exploração de várias possibilidades de vida (e.g., relacionamentos amorosos, trabalho e perspetiva do mundo) (Arnett, 2000, 2004, 2015).

Atualmente, verifica-se a tendência para a existência de percursos escolares mais longos, a inserção tardia no mercado de trabalho, o aumento da idade média para o casamento e nascimento do primeiro filho e o prolongamento da coabitação com a família de origem (Arnett, 2000; Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). Estes fatores, em conjunto com a globalização e a ausência de expectativas e prescrições sociais, contribuíram para o prolongamento da condição juvenil (i.e., aumento do período de exploração de alternativas de vida e instabilidade prévia à assunção de compromissos), tornando a transição para a idade adulta um processo mais lento, atrasando assim a maturação psicossocial e o processo de

¹ Apesar desta definição, no presente trabalho, a delimitação temporal da adolescência foi definida até aos 18 anos e o início da adultez emergente foi definido aos 19 anos.

desenvolvimento identitário (e.g., Arnett, 2000; Jensen & Arnett, 2012; Kroger & Marcia, 2011; Sica et al., 2014).

A literatura aponta para que as relações familiares na adolescência difiram das que são estabelecidas na adultez emergente, visto desempenharem funções específicas consoante as etapas desenvolvimentais (Alarcão, 2000; Nogueira, 1998; Relvas, 2006). Na adolescência, a individuação e a socialização são funções centrais da família, que permitem que os filhos se preparem para assumir o papel de adultos em vários âmbitos (i.e. social, relacional, afetivo e profissional) (Alarcão, 2000), porém, este período tem sido estendido com o prolongamento da coabitação com os pais (Alarcão, 2000; Relvas, 2006). Alguns autores têm sugerido que, tendencialmente, na adolescência, os filhos desafiam mais a autoridade parental, o que se pode reflectir no aumento dos níveis de conflito familiar (Steinberg, 1981). Acresce também o facto de que os adolescentes tendem a distanciar-se mais da família, passando menos tempo com os pais (Monteiro & Confraria, 2014). Em relação à adultez emergente, é expectável que o processo de autonomia aconteça com a saída de casa da família.

Ambas as etapas desenvolvimentais estão fortemente associadas ao aparecimento dos primeiros sintomas de perturbações de saúde mental (e.g., perturbações depressivas, ansiosas) (Kessler et al., 2005; Luyckx et al., 2011, 2013). Alguns estudos têm sugerido que os adultos emergentes apresentam níveis mais elevados de bem-estar, em comparação com os adolescentes (e.g., Schulenberg & Zarrett, 2006), porém, outros trabalhos, têm indicado que os adultos emergentes tendem a apresentar níveis mais elevados de comportamentos de risco (e.g., Arnett, Ramos, & Jensen, 2001) e de sintomatologia depressiva (Arnett, 2007).

Desenvolvimento da identidade e sintomatologia psicológica na adolescência e na adultez emergente

Alguns dos estudos que têm analisado o papel moderador da etapa desenvolvimental entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento identitário (e.g. Luyckx et al., 2006, 2011; Meeus, Iedema, Maassen, & Engels, 2005; Klimstra, Duriez, Petegem & Beyers, 2013; Schwartz et al., 2009, 2015; Sica et al., 2014), têm mostrado que a relação entre a sintomatologia depressiva e os processos identitários é moderada pela etapa de

desenvolvimento, considerando que o estabelecimento de compromissos estáveis assume uma relevância maior para o ajustamento emocional à medida que a idade aumenta.

Diversos estudos têm indicado uma associação positiva entre a exploração em amplitude e a sintomatologia depressiva, sugerindo que esta relação tende a intensificar-se com o aumento da idade, sendo mais forte na adultez emergente (e.g., Luyckx & Robitscheck, 2014). Estes trabalhos têm questionado a funcionalidade deste processo de exploração (Arnett, 2005), considerando que o prolongamento deste processo poderá contribuir para o desenvolvimento de uma estrutura identitária mais difusa e insegura (Schwartz, Cotê, & Arnett, 2005) e para níveis mais elevados de *stress* (Luyckx et al., 2013; Robitsckek & Keyes, 2009).

Como já referido, têm sido desenvolvidos vários trabalhos centrados na forma como os processos identitários se desenvolvem ao longo da adolescência e da adultez emergente. A literatura tem sugerido que, na adolescência, o desenvolvimento da identidade envolva a experimentação de níveis elevados de exploração em amplitude e exploração ruminativa e níveis mais baixos de compromisso, identificação com compromisso e exploração em profundidade (Arnett, 2000, 2005, 2007; Arnett & Brody, 2008; Erikson, 1968; Klimstra et al., 2010; Luyckx et al., 2006, 2008, 2013), enquanto na adultez emergente, o desenvolvimento da identidade tende a reflectir-se em níveis mais elevados de compromisso, identificação com compromisso (Arnett & Brody, 2008; Luyckx et al., 2006, 2008, 2013; Meeus et al., 1999, 2010) e exploração em profundidade (Luyckx et al., 2013) e níveis mais baixos de exploração ruminativa (Klimstra et al, 2010), comparados com os adolescentes. Diversos autores têm mostrado que a entrada na adultez emergente permite a maturação da identidade (Luyckx et al., 2008, 2013; Meeus et al., 2010), através do aumento dos níveis de compromisso e da identificação com estes (Baggio, Studer, Iglesias, Daeppen & Gmel, 2016; Schwartz et al., 2009).

Existem vários estudos internacionais focados na relação entre o desenvolvimento da identidade e a sintomatologia depressiva e ansiosa com populações clínicas e não clínicas de adolescentes e de adultos emergentes (Luyckx et al., 2006, 2011, 2013; Schwartz et al., 2009, 2015; Sica et al., 2014). Contudo, pela revisão de literatura efetuada não foram identificados

estudos nacionais que abordem o papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre o desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva. A maioria dos estudos centrados na identidade tem utilizado exclusivamente amostras de estudantes do ensino secundário e superior (e.g. Luyckx et al., 2011), limitando a generalização dos resultados obtidos a outras populações. Tendo em consideração esta limitação, alguns estudos recentes (e.g. Luyckx et al., 2008) têm incluído adultos emergentes trabalhadores e não estudantes nas amostras. Neste sentido, o presente estudo também recorrerá a uma amostra alargada e diversificada de adolescentes e adultos emergentes portugueses (estudantes, trabalhadores e trabalhadores estudantes).

Tendo em conta as lacunas identificadas, o presente estudo pretende dar resposta à seguinte questão de investigação: de que forma a etapa desenvolvimental (adolescência *versus* adultez emergente) afeta a relação entre a sintomatologia depressiva e ansiosa e os processos de desenvolvimento identitário? Deste modo, este trabalho visa (a) analisar as relações entre a sintomatologia ansiosa e depressiva, os processos de desenvolvimento da identidade e a etapa desenvolvimental; (b) explorar as diferenças nas variáveis sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento identitário, em função da etapa desenvolvimental; e (c) investigar o papel moderador da etapa desenvolvimental, na relação entre sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento identitário. Pretende-se, deste modo, mapear a relação entre estas variáveis para compreender mais aprofundadamente o impacto da sintomatologia psicológica nos processos de desenvolvimento da identidade em ambos os períodos desenvolvimentais.

Método

Participantes

A amostra é constituída por 404 participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos ($M = 20.30$; $DP = 3.11$), sendo que 29.7% ($n = 120$) são adolescentes (15-18 anos) e 70.3% ($n = 284$) são adultos emergentes (19-25 anos). Em relação ao género, 70.7% da amostra ($n = 282$) é do género feminino e 29.1% ($n = 116$) é do género masculino. Quanto à ocupação, 57.8% era estudante ($n = 227$), 16.8% estava desempregado ($n = 66$), 15.3% era

trabalhador ($n = 60$) e 3.6% era estudante e trabalhador ($n = 14$). Relativamente ao nível de escolaridade, 65.1% dos participantes encontrava-se a frequentar a universidade ($n = 261$), 18.2% tinha concluído o ensino superior ($n = 73$), 14% tinha entre 10 e 12 anos de escolaridade ($n = 56$), 1.7% dos participantes frequentou de 6 a 9 anos de escolaridade ($n = 7$), 0.7% frequentou de 4 a 6 anos de escolaridade ($n = 3$) e 0.2% de 0 a 4 anos de escolaridade ($n = 1$). No que concerne a situação afetivo-relacional, 55.4% não tinha uma relação ($n = 221$), 34.8% tinha uma relação de namoro ($n = 139$) e 3.8% viviam em união de facto ($n = 15$). Em relação à zona de residência, 44.7% da amostra residia na zona da Grande Lisboa ($n = 177$), 17.7% na zona Norte ($n = 70$), 17.2% na zona Centro ($n = 68$), 9.8% no Alentejo ($n = 39$), 7.8% na Madeira ($n = 31$), 2% no Algarve ($n = 8$), e 0.8% nos Açores ($n = 3$). No momento da recolha, 42.4% dos participantes vivia com a família nuclear intacta ($n = 170$), 19.1% vivia com outras pessoas não especificadas ($n = 79$), 17% vivia com a família alargada ($n = 68$), 8.5% vivia com a família monoparental ($n = 34$), 6.7% vivia com a família reconstituída ($n = 27$) e 6.5% vivia com amigos ($n = 26$).

Procedimento de recolha de dados

A recolha de dados decorreu após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Científica da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. A amostra foi selecionada a partir de uma amostra mais alargada de 706 participantes. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão no presente estudo: (a) ter nacionalidade portuguesa; e (b) ter idades compreendidas entre os 15 e os 25 anos. Uma amostra de 404 participantes cumpriu estes critérios, tendo sido integrada neste estudo.

A amostra foi recolhida entre Fevereiro de 2016 e Dezembro de 2017, através de uma técnica de amostragem não probabilística. Através do método de “bola de neve”, 61.1% da amostra foi recolhida presencialmente e em grupo (e.g., contexto de sala de aula em Instituições de Ensino Superior e em escolas secundárias) ou individualmente (e.g., amigos e conhecidos). A restante percentagem (38.9%) foi recolhida *on-line* através da plataforma *Google Docs*. A recolha da amostra presencial foi realizada na presença das investigadoras

que mostraram disponibilidade para esclarecer dúvidas relacionadas com as questões e/ou vocabulário. Relativamente à recolha *on-line*, o estudo foi divulgado através de redes sociais e de correio eletrónico. No caso dos participantes que participaram *on-line*, foram disponibilizados os contactos da investigadora responsável pelo estudo, caso surgisse alguma dúvida ou questão no decorrer da participação do estudo.

Os participantes colaboraram voluntariamente e sem qualquer remuneração, após os objetivos do estudo terem sido explicitados, lhes ter sido dada a garantia da confidencialidade e da possibilidade de desistência a qualquer momento. Os participantes com idade igual ou superior a 18 anos participaram após a assinatura do termo de consentimento informado. Os participantes com idade inferior a 18 anos participaram após a assinatura dos termos de consentimento informado (pelos responsáveis legais) e de assentimento informado (pelo/as próprio/as).

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos

Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais e sociodemográficos, que incluiu questões como género, idade, profissão, situação relacional, nível de escolaridade e zona de residência.

Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário

(Dimensions of Identity Development Scale, DIDS; versão original: Luyckx et al., 2008; tradução e adaptação para a população portuguesa: Prioste, Lugar, Paulino, & Jongenlenen, 2016). A DIDS é um instrumento de autorrelato que integra 25 itens e avalia o desenvolvimento da identidade através de uma escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 = *discordo fortemente* a 6 = *concordo fortemente*. A DIDS avalia cinco dimensões: Compromisso, que inclui cinco itens que avaliam a adesão a compromissos (e.g., “Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.”); Exploração em amplitude, integra cinco itens que medem a exploração de alternativas prévia à adesão a compromissos (e.g., “Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.”); Exploração ruminativa composta

por cinco itens que avaliam a exploração progressiva de diversas alternativas e a não adesão a compromissos (e.g., “Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.”); Identificação com compromisso constituída por cinco itens que avaliam o grau de segurança e de identificação em relação aos compromissos que foram feitos (e.g., “Os meus planos para o futuro dão-me autoconfiança.”); e Exploração em profundidade, composta por cinco itens que avaliam a exploração de alternativas após a adesão a compromissos (e.g., “Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.”). Quanto maior a pontuação nas subescalas, mais elevado é o nível de cada dimensão.

No estudo de validação da DIDS de Luyckx e colaboradores (2008), com uma amostra de adultos emergentes, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, quer para a amostra de adultos (variando entre $\alpha = .79$ para a dimensão Exploração em profundidade e entre $\alpha = .86$ para as dimensões Compromisso, Identificação com o compromisso e Exploração ruminativa), quer para a amostra de adolescentes (com α a variar entre .80 para a dimensão exploração em profundidade e .86 para a dimensão exploração em amplitude). No estudo de adaptação para a população portuguesa (Prioste, Lugar, Paulino, Rosa, & Jongenlenen, submetido), com uma amostra de 403 participantes, com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos, os níveis de consistência interna do instrumento relevaram-se adequados, variando entre $\alpha = .68$ para a dimensão Exploração em profundidade e $\alpha = .87$ para a dimensão Identificação com o compromisso. No presente estudo, as dimensões revelaram, igualmente, níveis adequados de consistência interna, com α a variar entre .65 para a Exploração em profundidade e .85 para a Identificação com compromisso.

Inventário de Sintomatologia Psicológica

(Brief Symptom Inventory, BSI; versão original: Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: Canavarro, 1999). O BSI é um instrumento de autorrelato composto por 53 itens. A tarefa do participante consiste em avaliar a intensidade em que foi afetado por um conjunto de sintomas, durante a última semana, utilizando uma escala de *Likert* de cinco pontos, de 0 = *nunca* a 4 = *muitíssimas vezes*. Este instrumento avalia nove dimensões: Somatização, Obsessão-compulsão, Sensibilidade interpessoal,

Hostilidade, Ansiedade, Ansiedade fóbica, Ideação paranóide, Psicoticismo e Depressão. No presente estudo, foram utilizadas as dimensões Depressão e a Ansiedade, visto serem as mais prevalentes nestas faixas etárias (Kessler et al., 2005). A dimensão Depressão inclui seis itens (e.g., “Sentir-se sozinho”) e a dimensão Ansiedade é composta por seis itens referentes a indicadores gerais tais como nervosismo e tensão (e.g., “Nervosismo ou tensão interior”).

No estudo de adaptação para a população portuguesa (Canavarro, 1999), com uma amostra de 551 indivíduos, o BSI revelou níveis de consistência interna adequados entre $\alpha = .62$ para a dimensão Psicoticismo e $\alpha = .79$ para a dimensão Somatização, sendo que a dimensão depressão apresenta um nível de consistência interna de $\alpha = .73$ e a dimensão ansiedade apresenta um nível de consistência interna de $\alpha = .77$. No presente estudo, as dimensões revelaram, igualmente, níveis adequados de consistência interna, para a depressão ($\alpha = .87$) e para a ansiedade ($\alpha = .82$).

Procedimento de análise de dados

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *software Statistical Package for the Social Sciences* versão 22. Inicialmente, foi criada a variável etapa desenvolvimental através do agrupamento dos participantes de acordo com a sua idade: os participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos foram integrados no grupo dos adolescentes, e os participantes com idades compreendidas entre os 19 e os 25 anos foram integrados no grupo dos adultos emergentes. De seguida, procedeu-se à análise descritiva dos dados (média e desvio-padrão) e foram analisadas as correlações entre as variáveis (sintomatologia ansiosa, sintomatologia depressiva, compromisso, identificação com compromisso, exploração em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa e etapa desenvolvimental), através do coeficiente de *Pearson* para responder ao primeiro objetivo deste trabalho. Foram analisadas as diferenças entre variáveis referidas em função da etapa desenvolvimental (adolescência vs. adultez emergente), através do teste *t*-Student (segundo objetivo proposto).

Por último, para dar resposta ao terceiro objetivo proposto, foi realizada a análise do papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento identitário. Para esta análise utilizou-se o

modelo 3 da macro PROCESS desenvolvida por Hayes (2012) para SPSS.

Resultados

Estatística descritiva e análise de correlações

No Quadro 1 apresentam-se as pontuações médias e os respetivos desvios-padrão das variáveis quantitativas em estudo. Para além destes resultados, incluíram-se os valores de correlação bivariada linear de r de *Pearson*.

Através da análise do Quadro 1, verificou-se que a sintomatologia ansiosa se encontra associada significativa e positivamente com a sintomatologia depressiva, exploração ruminativa e exploração em profundidade, e negativamente com o compromisso e identificação com compromisso. A sintomatologia depressiva encontra-se significativa e positivamente correlacionada com a exploração ruminativa e negativamente com o compromisso e identificação com compromisso. Em relação ao compromisso, observaram-se associações significativas e positivas com a exploração em amplitude, identificação com compromisso, exploração em profundidade e etapa desenvolvimental, e uma associação negativa com a exploração ruminativa. A variável exploração em amplitude está significativa e positivamente correlacionada com a exploração ruminativa, a identificação com o compromisso, a exploração em profundidade e a etapa desenvolvimental. A exploração ruminativa está significativa e positivamente correlacionada com exploração em profundidade e negativamente com a etapa desenvolvimental. Os resultados indicaram que a variável identificação com compromisso se encontra associada significativa e positivamente à exploração em profundidade e à etapa desenvolvimental. Por último, a variável exploração em profundidade encontra-se associada positiva e significativamente com a etapa desenvolvimental.

Quadro 1. *Estatística Descritiva e Análise das Correlações entre a Sintomatologia Ansiosa e Depressiva, os Processos de Desenvolvimento Identitário e a Etapa Desenvolvidamental (N = 404).*

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Sintomatologia ansiosa	-							
2. Sintomatologia depressiva	.78**	-						
3. Compromisso	-.16**	-.24**	-					
4. EAmplitude	-.02	-.04	.40**	-				
5. ERuminativa	.21**	.26**	-.19**	.36**	-			
6. ICompromisso	-.17**	-.26**	.71**	.18**	-.07	-		
7. EProfundidade	.13*	.10	.22**	.41**	.14**	.33**	-	
8. Etapa desenvolvimental	.01	-.05	.12*	.12*	-.11*	.11*	.53**	-
<i>M</i>	.79	.82	3.93	3.88	3.22	3.75	3.35	
<i>DP</i>	.74	.83	.68	.62	.81	.73	.78	

Nota: ICompromisso = Identificação com compromisso; EAmplitude = Exploração em amplitude; EProfundidade = Exploração em profundidade; ERuminativa = Exploração ruminativa.

* $p < .05$; ** $p < .01$

Análise das diferenças entre etapas desenvolvimentais

No Quadro 2 são apresentadas as pontuações médias e os respetivos desvios-padrão das variáveis quantitativas em estudo, bem como a análise das diferenças entre grupos de adolescentes e de adultos emergentes em relação às variáveis em análise.

Quadro 2. *Análise das Diferenças entre Grupos de Adolescentes e Adultos Emergentes em relação à Ansiedade, Depressão e os Processos de Desenvolvimento Identitário (N = 404).*

	Adolescentes (n = 120)	Adultos emergentes (n = 284)		
	M (DP)	M (DP)	t	p
Ansiedade	.78 (.73)	.80 (.74)	-.26	.80
Depressão	.88 (.87)	.79 (.81)	.89	.37
Compromisso	3.80 (.66)	3.98 (.69)	-2.52	.01
EAmplitude	3.76 (.67)	3.93 (.60)	-2.34	.02
ERuminativa	3.34 (.74)	3.16 (.83)	2.26	.03
ICompromisso	3.63 (.79)	3.80 (.70)	-2.05	.04
EProfundidade	2.72 (.76)	3.62 (.61)	-11.53	.00

Nota: ICompromisso = Identificação com Compromisso; EAmplitude = Exploração em Amplitude; EProfundidade = Exploração em Profundidade; ERuminativa = Exploração Ruminativa.

Através da análise do Quadro 2, verifica-se que as dimensões de compromisso, exploração em amplitude, identificação com compromisso e exploração em profundidade apresentam os valores mais elevados no grupo de adultos emergentes, em comparação com o grupo de adolescentes: respectivamente, $t(402) = -2.52$, $p < .05$; $t(402) = -2.34$, $p < .05$, $t(402) = -2.05$, $p < .05$, $t(402) = -11.53$, $p < .05$. Os valores médios da dimensão exploração ruminativa são mais elevados no grupo de adolescentes, em comparação com o grupo de adultos emergentes, $t(402) = 2.26$, $p < .05$.

Análise do papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a ansiedade e os processos de desenvolvimento da identidade

No Quadro 3, apresentam-se os resultados da análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental na relação entre a ansiedade e a exploração ruminativa.

Quadro 3. *Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na relação entre a Ansiedade e a Exploração Ruminativa (N = 404).*

Preditores	Exploração ruminativa					
	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping bias-corrected</i>	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	3.87	.22	17.66	.00	3.44	4.30
Etapa desenvolvimental (ED)	-.49	.12	-3.97	.00	-.74	-.25
Ansiedade	-.42	.21	-.203	.04	-.82	-.01
Ansiedade x ED	.38	.12	3.29	.00	.15	.61

Os resultados indicaram que o modelo é significativo, explicando 8.22% da variância, $F(3,400) = 11.94$, $p < .001$. Através da análise do Quadro 3, observa-se que a etapa desenvolvimental tem um papel moderador na relação entre a ansiedade e a exploração ruminativa ($b = .38$, $p < .05$). Reforça-se o efeito total que a etapa desenvolvimental ($b = -.49$, $p < .001$) e a ansiedade ($b = -.42$, $p < .05$) têm na exploração ruminativa.

A existência do efeito moderador sugere que o efeito da ansiedade na exploração ruminativa é significativamente diferente consoante a etapa desenvolvimental dos participantes. Esta relação encontra-se apresentada graficamente na Figura 1. Assim, verificamos que, no grupo de adultos emergentes, o nível de ansiedade parece não variar com o aumento do nível de exploração ruminativa. Por outro lado, no grupo de adolescentes, o nível de exploração ruminativa tende a decrescer com o aumento do nível de ansiedade.

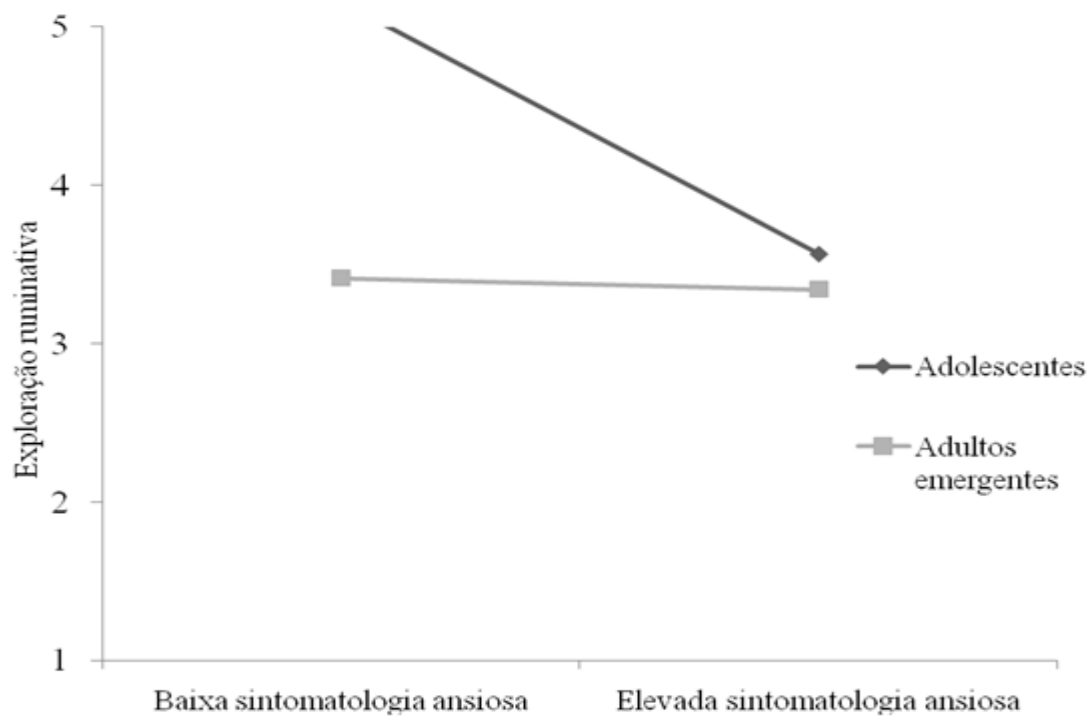


Figura 1. Efeito da etapa desenvolvimental na relação entre a ansiedade e a exploração ruminativa.

No Quadro 4 apresentam-se os resultados da análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental na relação entre a ansiedade e a exploração em profundidade.

Quadro 4. Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na relação entre a Ansiedade e a Exploração em Profundidade (N = 404).

Exploração em profundidade						
Preditores	b	SE	t	p	Boostrapping bias-corrected	
					Limite inferior	Limite superior
Constante	1.69	.18	9.14	.00	1.33	2.05
Etapa desenvolvimental (ED)	.92	.10	8.74	.00	.71	1.12
Ansiedade	.16	.17	.93	.35	-.18	.50
Ansiedade x ED	-.02	.10	-.21	.83	-.21	.17

Os resultados indicaram que o modelo é significativo, explicando 29.59% da variância. Reforça-se o efeito que a etapa desenvolvimental tem na exploração em profundidade, $b = .92, p < .05$.

Os resultados da análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental nas relações entre a ansiedade e o compromisso e ansiedade e identificação com o compromisso, mostraram que, apesar de os modelos serem significativos (respetivamente, $F(3,400) = 6.08, p < .001, R^2 = .04$; $F(3,400) = 5.74, p < .001, R^2 = .04$) não existem preditores significativos. Quanto à análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental nas relações entre a ansiedade e a exploração em amplitude o modelo não é significativo nem existem preditores significativos.

Análise do papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a depressão e os processos de desenvolvimento da identidade

No Quadro 5, apresentam-se os resultados da análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental na relação entre a depressão e a exploração ruminativa.

Quadro 5. *Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na relação entre a Depressão e a Exploração Ruminativa (N = 404).*

Exploração ruminativa						
Preditores	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping</i> <i>bias-corrected</i>	
					Limite	Limite
					inferior	superior
Constante	3.78	.21	18.05	.00	3.36	4.18
Etapa desenvolvimental (ED)	-.45	.12	-3.80	.00	-.68	-.22
Depressão	-.30	.17	-1.77	.08	-.64	.03
Depressão x ED	.33	.10	3.37	.00	.14	.52

Os resultados indicaram que o modelo é significativo, explicando 10.34% da variância, $F(3,400) = 15.38, p < .001$. Através da análise do Quadro 5, observa-se que a etapa desenvolvimental tem um papel moderador na relação entre a depressão e a

exploração ruminativa ($b = .33, p < .001$). Reforça-se o efeito que a etapa desenvolvimental tem na exploração ruminativa ($b = -.45, p < .001$).

A existência do efeito moderador sugere que o efeito da depressão na exploração ruminativa é significativamente diferente consoante a etapa desenvolvimental dos participantes. Esta relação encontra-se apresentada graficamente na Figura 2. Assim, verificamos que, no grupo de adultos emergentes, o nível de depressão parece não variar significativamente com o aumento do nível de exploração ruminativa. Por outro lado, no grupo de adolescentes, o nível de exploração ruminativa tende a decrescer com o aumento do nível de sintomatologia depressiva.

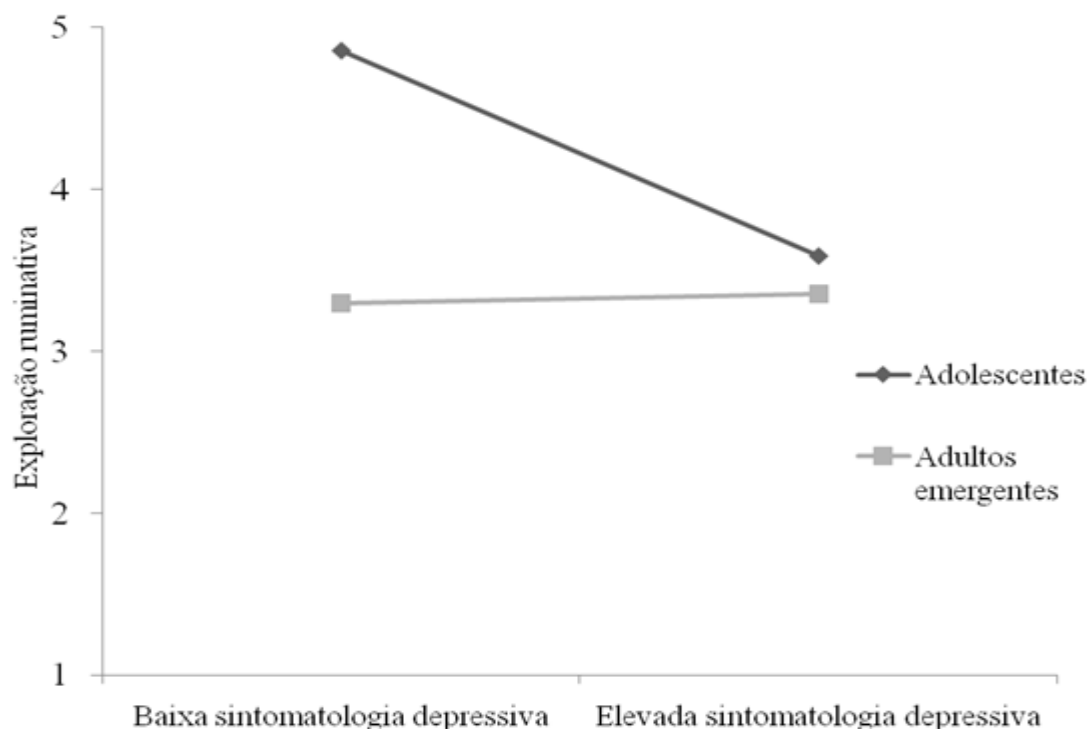


Figura 2. Efeito da etapa desenvolvimental na relação entre a depressão e a exploração ruminativa ($N = 404$).

No Quadro 6, apresentam-se os resultados da análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental na relação entre a depressão e a exploração em profundidade.

Quadro 6. *Análise do Papel Moderador da Etapa Desenvolvimental na Relação entre a Depressão e a Exploração em Profundidade (N = 404).*

Exploração em profundidade						
Preditores	<i>b</i>	<i>SE</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Boostrapping</i> <i>bias-corrected</i>	
					Limite	Limite
					inferior	superior
Constante	1.54	.18	8.65	.00	1.19	1.89
Etapa desenvolvimental (ED)	1.01	.10	10.05	.00	.81	1.20
Depressão	.31	.15	2.11	.04	.02	.59
Depressão x ED	-.12	.08	-1.39	.17	-.28	.05

Os resultados indicaram que o modelo é significativo, explicando 29.94% da variância. Reforça-se o efeito que a etapa desenvolvimental e a depressão têm na exploração em profundidade, $b = 1.01$, $p < .001$ e $b = .31$, $p < .05$, respetivamente.

Os resultados da análise de moderação para a variável etapa desenvolvimental nas relações entre a depressão e o compromisso e a depressão e a identificação com o compromisso, mostraram que, apesar de os modelos serem significativos, não existem preditores significativos, $F(3,400) = 9.95$, $p < .001$, $R^2 = .07$; $F(3,400) = 10.99$, $p < .001$, $R^2 = .08$, respetivamente. Em relação à análise do papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre depressão e exploração em amplitude, o modelo obtido não se mostrou significativo e não existem preditores significativos.

Discussão

No presente estudo pretendemos analisar, numa amostra de adolescentes (15-18 anos), e adultos emergentes (19-25 anos), a relação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva, os cinco processos de desenvolvimento identitário propostos por Luyckx e colaboradores (2008); as diferenças nas variáveis sintomatologia ansiosa e depressiva e processos de desenvolvimento identitário, em função das etapas desenvolvimentais (adolescência *versus* adulez emergente); e o papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a sintomatologia depressiva e ansiosa e os processos de desenvolvimento da identidade. Pretendeu-se dar resposta às lacunas identificadas na literatura e contribuir para a expansão do conhecimento na área do desenvolvimento da identidade, através da análise do impacto da sintomatologia ansiosa e depressiva em adolescentes e adultos emergentes.

As associações negativas observadas entre a sintomatologia ansiosa e depressiva, o compromisso e a identificação com o compromisso corroboram os resultados e trabalhos anteriores (e.g., Crocetti et al., 2008; Luyckx & Robitschek, 2014; Luyckx et al., 2006, 2008, 2011, 2013; Marcia, 1980; Rossi et al., 2012; Sica et al., 2014). Estes resultados podem ser interpretados atendendo à literatura que sugere que, como estes processos são adaptativos (i.e., permitem o desenvolvimento de uma estrutura identitária ajustada) (Marcia, 1980; Meeus et al., 2005), contribuem para o ajustamento individual. Estes dados sublinham a importância da adesão (e a identificação com) a valores, objetivos e crenças no desenvolvimento ajustado durante a adolescência e a adulez emergente (Luyckx et al., 2008).

As associações positivas observadas entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e a exploração ruminativa corroboram os resultados e trabalhos anteriores (e.g., Beyers & Luyckx, 2014; Crocetti et al., 2008; Luyckx & Robitschek, 2014; Luyckx et al., 2008, 2011, 2013; Ritchie et al., 2013; Rossi et al., 2012; Schwartz et al., 2013) que conceptualizam a exploração ruminativa como um processo inadaptativo e um bloqueador do desenvolvimento identitário. Como o processo de exploração ruminativa remete para a dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias, conduz a um questionamento contínuo em relação a essas questões e aumenta os sentimentos de incerteza e incompetência, contribui para um aumento dos níveis de ansiedade e depressão (Luyckx et al., 2008, 2011, 2013). A relação positiva entre a

exploração em profundidade e a ansiedade não corrobora os estudos anteriores que sugerem uma associação positiva entre a exploração em profundidade e os níveis de bem-estar (e.g., Crocetti et al., 2008; Luyckx et al., 2013; Ritchie et al., 2013; Rossi et al., 2012).

Os resultados das associações entre a etapa desenvolvimental e das diferenças em função dos grupos sustentam-se reciprocamente, mostrando que a etapa desenvolvimental se encontra associada aos processos de desenvolvimento identitário e que existem diferenças significativas entre os grupos em relação a estes processos. Os dados obtidos mostram que o grupo de adolescentes apresenta níveis mais elevados de exploração ruminativa (processo associado negativamente à etapa desenvolvimental), o que vai ao encontro da literatura na área (e.g., Arnett, 2000, 2005, 2007; Arnett & Brody, 2008; Erikson, 1968; Klimstra et al., 2010; Luyckx et al., 2006, 2008; 2013). Os resultados mostraram que os adultos emergentes revelam níveis mais elevados nos outros processos (i.e., compromisso, exploração em amplitude, exploração em profundidade e identificação com o compromisso) e que estes apresentam uma associação positiva com a etapa desenvolvimental, corroborando parcialmente os resultados de outros trabalhos (e.g., Arnett & Brody, 2008; Luyckx et al., 2006, 2013; Meeus et al., 1999, 2010). Os resultados do presente estudo não apoiam os resultados de outros trabalhos que indicam que a exploração em amplitude tende a apresentar níveis mais elevados na adolescência (e.g., Arnett, 2000, 2005, 2007; Arnett & Brody, 2008; Klimstra et al., 2010; Luyckx et al., 2008, 2013), já que, habitualmente, os adolescentes exploram mais intensamente várias alternativas da identidade (Luyckx et al., 2008).

Apesar dos resultados obtidos na análise de correlações e dos resultados de outros estudos mostrarem uma associação positiva entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e a exploração ruminativa (e.g., Beyers & Luyckx, 2014; Crocetti et al., 2008; Luyckx & Robitschek, 2014; Luyckx et al., 2008, 2011, 2013; Ritchie et al., 2013; Rossi et al., 2012; Schwartz et al., 2013), a análise do efeito moderador da etapa desenvolvimental na relação entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e a exploração ruminativa sugere uma associação negativa no grupo de adolescentes. Os resultados mostram que, no grupo de adolescentes, o aumento dos níveis de sintomatologia ansiosa e depressiva reflete-se no decréscimo do nível de exploração ruminativa, enquanto no grupo de adultos emergentes, o nível de exploração ruminativa não tende a variar com o

aumento dos níveis de exploração ruminativa. Hipotetizamos que, no grupo de adolescentes, perante um nível baixo de sintomatologia ansiosa e depressiva há um nível mais elevado de ruminação (em comparação com o que existe quando há um nível elevado de sintomatologia ansiosa e depressiva) porque existe uma maior disponibilidade de recursos cognitivos e emocionais. Deste modo, na condição de elevada sintomatologia ansiosa e depressiva, haverá uma menor disponibilidade cognitiva e emocional para ruminar e explorar diferentes alternativas (e.g., Tavares, Prioste, & Magalhães, submetido).

Implicações para a literatura e prática clínica

Os resultados que mostram que a associação entre a etapa desenvolvimental e os processos de desenvolvimento identitário e as diferenças entre os processos de desenvolvimento da identidade em função dos grupos etários poderão ter implicações para a literatura na área da psicologia do desenvolvimento, já que sublinham o impacto das tarefas desenvolvimentais da adolescência e da adultez emergente no desenvolvimento da identidade. Tendo em conta a escassez de estudos sobre o papel moderador da etapa desenvolvimental na relação entre o desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva, este trabalho poderá ter implicações para as áreas da identidade e da psicologia clínica.

Este trabalho poderá também ter implicações para a prática clínica, podendo contribuir para o desenho de intervenções focadas no desenvolvimento da identidade na adolescência e na adultez emergente.

Limitações e estudos futuros

Embora este trabalho possa ser um contributo para o estudo científico nas áreas referidas, apresenta diversas limitações. Em relação à amostra, releva-se o facto de a amostra ser de conveniência, tendo sido recolhida através de uma técnica não probabilística, o que não permitindo a generalização dos resultados obtidos à população portuguesa. Sendo um estudo transversal, não permite aceder à relação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento da identidade ao longo do tempo, pelo que não permite o estabelecimento de relações causais e a análise adequada da dinâmica desta relação. De referir também que a amostra é

maioritariamente constituída por participantes do género feminino (70.7%) e por adultos emergentes (70.3%). Para além disso, não foram analisadas outras diferenças entre os grupos que poderiam ajudar a explicar os resultados. Relativamente aos instrumentos, como são medidas de autorrelato, há que considerar o enviesamento dos resultados pela desiderabilidade social.

Para colmatar as limitações identificadas seria importante, em estudos futuros, incluir uma amostra mais alargada e mais homogénea. Os estudos longitudinais deveriam ter um desenho longitudinal, de forma a permitir uma análise da relação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento da identidade ao longo do tempo. Seriam importante conduzir um estudo que permitisse compreender, de forma mais aprofundada, a forma como a etapa desenvolvimental afeta a relação entre a sintomatologia psicológica e a exploração ruminativa. Por último, seria interessante estudar o papel de outras variáveis moderadoras, como o género e a ocupação (i.e., estudantes, trabalhadores, trabalhadores estudantes).

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios Familiares* (1ª Ed.). Coimbra: Quarteto.
- Arnett, J. J., Ramos, K. D., & Jensen, L. A. (2001). Ideological views in emerging adulthood: Balancing autonomy and community. *Journal of Adult Development* 8(2), 69-79. doi:10.1023/A:1026460917338.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469-580. doi:10.1037//0003066X.55.5.469.
- Arnett, J. J. (2005). The developmental context of substance use in emerging adulthood. *Journal of Drug Issues*, 35(2), 235-254. doi:10.1177/002204260503500202.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00016.
- Arnett, J. J., & Brody, G. H. (2008). A fraught passage: The identity challenges of African American emerging adults. *Human Development*, 51(5-6), 291-293. doi:10.1159/000170891.
- Baggio, S., Studer, J., Iglesias, K., Daeppen, J. B., & Gmel, G. (2016). Emerging adulthood: A time of changes in psychosocial well-being. *Evaluation & The Health Professions*, 1-18. doi:10.1177/0163278716663602.
- Beyers, W., & Luyckx, K. (2014). Ruminative exploration and reconsideration of commitment as risk factors for suboptimal identity development in adolescence and emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 47, 169-178. doi:10.1016/j.adolescence.2015.10.018.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.
- Berzonsky, M. D., (2011). A social-cognitive perspective on identity construction. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 55-76). New York: Springer.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos-BSI. In M., Simões, M., Gonçalves & L. S., Almeida (Series Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal*, 2, 1-27. Braga: APPORT/SO.
- Crocetti, E., Rubini, M., & Meeus, W. (2008). Capturing the dynamics of identity

- formation in various ethnic groups: Development and validation of a three-dimensional model. *Journal of Adolescence*, 31(2), 207-222. doi:10.1016/j.adolescence.2007.09.002.
- Chisholm, L., & Hurrelman, K. (1995). Adolescence in modern Europe: Pluralized transition patterns and their implications for personal and social risks. *Journal of Adolescence*, 18, 129-158.
- Derogatis, L. R. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory*. Minneapolis: National Computers Systems.
- Erikson, E. H. (1950). *Childhood and society*. New York: Norton.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Jablonski, J., & Martino, S. D. (2013). A qualitative exploration of emerging adults' and parents' perspectives on communicating adulthood status. *The Qualitative Report*, 18(37), 1-12.
- Grotevant H. D. (1987). Toward a Process Model of Identity Formation. *Journal of Adolescence Research*, 2(3), 203-222. doi:10.1177/074355488723003.
- Harvey A. G., Watkins E., Mansell W., & Shafran R. (2004). *Cognitive behavioural processes across psychological disorders*. Oxford, United Kingdom: Oxford University Press.
- Jensen, L. A., & Arnett, J. J. (2012). Going global: New pathways for adolescents and emerging adults in a changing world. *Journal of Social Issues*, 68(3), 473-492.
- Kessler, R. C., Berglund, P., Demler, O., Jin, R., Merikangas, K. R., & Walters, E. E. (2005). Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the national comorbidity survey replication. *Archives of General Psychiatry*, 62(6), 593-602.
- Klimstra, T., Hale III, W., Raaijmakers, Q., Branje, S., & Meeus, W. (2010). Identity formation in adolescence: Change or stability? *Journal of Youth and Adolescence*, 39(2), 150-162. doi:10.1007/s10964-009-9401-4.
- Klimstra, T., Meeus, W., Luyckx, K. & Goossens, L. (2011). Personality traits and educational identity formation in late adolescents: Longitudinal associations and academic progress. *Journal of Youth and Adolescence*. doi:10.1007/s10964-011-9734-7.
- Klimstra, T. (2012). The Dynamics of personality and identity in adolescence. *European*

Journal of Development Psychology, 9(4), 472-484.

- Kroger, J., & Marcia, E. J. (2011). The identity statuses: Origins, meanings, and interpretations. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of Identity Theory and Research* (pp. 31-53). New York: Springer.
- Lerner, R. M., & Kauffman, M., B. (1985). The concept of development in contextualism. *Developmental Review*, 5, 309-333.
- Luyckx, K., Goossens, L., Soenens, B., & Beyers, W. (2006). Unpacking commitment and exploration: Preliminary validation of an integrative model of late adolescence identity formation. *Journal of Adolescence*, 29, 361-378. doi:10.1016/j.adolescence.2005.03.008.
- Luyckx, K., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Goossens, L., & Berzonsky, M. (2007). Parental psychological control and dimensions of identity formation in emerging adulthood. *Journal of Family Psychology*, 21(3), 546-550. doi:10.1037/0893-3200.21.3.546.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of Research in Personality*, 42, 58-82. doi:10.1016/j.jrp.2007.04.004.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In Schwartz, S. J., Luyckx, K., & Vignoles, V. L. (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 7–98). New York: Springer.
- Luyckx, K., Klimstra, T. A., Duriez, B., Schwartz, S. J., & Vanhalst, J. (2012). Identity processes and coping strategies in college students: Short-term longitudinal dynamics and the role of personality. *Journal of Youth and Adolescence*, 41(9), 1226-1239.
- Luyckx, K., Klimstra, T. A., Duriez, B., Petegem, S. V., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality and depressive symptoms. *Social Development*, 22(4), 701-721. doi:10.1111/sode.12027.
- Luyckx, K., & Robitschek, C. (2014). Personal growth initiative and identity formation in adolescence through young adulthood: Mediating processes on the pathway to

- wellbeing. *Journal of Adolescence*, 37(7), 973-981.
doi:10.1016/j.adolescence.2014.07.009.
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 5, 551-558.
- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J., Adelson (Series Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159-186). New York: Wiley.
- Martin L. L., & Tesser A. (1996). Some ruminative thoughts. In Wyer R. S. (Ed.), *Ruminative thoughts: Advances in social cognition*, 9, 1-47. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Matheis, S., & Adams, G. R. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4(1), 77-95. doi:10.1207/S1532706XID0401_5.
- Meeus, W., Iedema, J., Helsen, M., & Vollebergh, W. (1999). Patterns of adolescent identity development: Review of literature and longitudinal analysis. *Developmental Review*, 19(4), 419-461. doi:10.1006/drev.1999.0483.
- Meeus, W., Van De Schoot, R., Keijsers, L., Schwartz, S. J., & Branje, S. (2010). On the progression and stability of adolescent identity formation: A five wave longitudinal study in early-to-middle and middle-to-late adolescence. *Child Development*, 81(5), 1565-1581. doi:10.1111/j.1467-8624.2010.01492.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., Engels, R. (2005). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28(1), 89-106. doi:10.1016/j.adolescence.2004.07.003
- Monteiro, P., & Confraria, L. (2014). Adolescência. In P. Monteiro (Coord.), *Psicologia e Psiquiatria da Infância e Adolescência* (pp. 339-358). Lisboa: Lidel.
- Nogueira, M. A. (1998). Relação família-escola: novo objeto na sociologia da educação. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8(14-15), 91-104.
- Organização Mundial de Saúde (1997). *Adolescence the critical phase: the challenges and the potential*. Texto retirado de:
http://www.searo.who.int/entity/child_adolescent/documents/adolescence_critical_phase.pdf?ua=1, a 2 de Fevereiro de 2018.
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., & Jongenelen, I. (2016). *Escala das Dimensões do*

- Desenvolvimento da Identidade – versão portuguesa para investigação*. Escola de Psicologia, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., Rosa, P., & Jongenelen, I. (submetido). Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade: Estudos psicométricos iniciais. Submetido a publicação.
- Tavares, P., Prioste, A., & Magalhães, E. (submetido). The relationship between family climate and identity development processes: The moderating role of developmental stages and outcomes. Submetido a publicação.
- Relvas, A. P. (2006). *O ciclo vital da família – Perspetiva Sistémica* (4ª Ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Ritchie, R., Meca, A., Madrazo, V., Schwartz, S. J., Hardy, S., Zamboanga, B., Weisskirch, R., Kim, S., Whitbourne, S., Ham, L., & Lee, R. M. (2013). Identity dimensions and related processes in emerging adulthood: Helpful or harmful? *Journal of Clinical Psychology*, 69(4), 415-432. doi:10.1002/jclp.21960.
- Rossi, A., Stratta, P., & Capanna, C. (2012). Social connectedness and psychopathology. *Journal of Psychopathology*, 18, 305-308.
- Sandhu, D., Singh, B., Tung, S., & Kundra, N. (2012). Adolescent identity formation, psychological well-being, and parental attitudes. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 27(1), 89-105.
- Schulenberg, J. E., & Zarrett, N. R. (2006). Mental health during emerging adulthood: Continuities and discontinuities in course, content, and meaning. In J. J. Arnett & J. Tanner (Eds.), *Coming of age in the 21st century: The lives and contexts of emerging adults*. Washington DC: American Psychological Press.
- Schwartz, S. J. (2001). The evolution of eriksonian and neo-eriksonian identity theory and research: A review and integration. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 1, 7-58.
- Schwartz, S. J., Beyers, W., Luyckx, K., Soenens, B., Zamboanga, B. L., Forthun, L. F., Hardy, S., Vazsonyi, A., Ham, L., Kim, Whitbourne, S. K. & Waterman, A. (2011). Examining the light and dark sides of emerging adults' identity: A study of identity status differences in positive and negative psychosocial functioning. *Journal of Youth and Adolescence*, 40(7), 839-859. doi:10.1007/s10964-010-9606-6.

- Schwartz, S. J., Dunkel, C. S., & Waterman, A. S. (2009). Terrorism: An identity theory perspective. *Studies in Conflict and Terrorism*, 32, 537-559.
- Schwartz, S. J., Hardy, S. A., Zamboanga, B. L., Meca, A., Waterman, A. S., Picariello, S., Luyckx K., Crocetti E., Kim S. Y., Brittan A. S., Roberts, S. E., Whitbourne S. K., Ritchie, R. A., Brown, E. J., Forthun L. F. (2015). Identity in young adulthood: Links with mental health and risky behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 39-52. doi:10.1016/j.appdev.2014.10.001.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Luyckx, K., Meca, A., & Ritchie, R. A. (2013). Identity in emerging adulthood: Reviewing the field and looking forward. *Emerging Adulthood*, 1(2), 96-113. doi:10.1177/2167696813479781.
- Schwartz, S. J., Côté, J. E., Arnett, J. J. (2005). Identity and Agency in Emerging Adulthood: Two developmental routes in the individualization process. *Youth & Society*, 37(2), 201-229. doi:10.1177/0044118X05275965.
- Segerstrom, C. S., Stanton, L. A., Flynn, M. S., Roach, R. A., Testa, J. J. & Hardy, K. J. (2012). Episodic repetitive thought: Dimensions, correlates, and consequences. *Anxiety, Stress, Coping*, 25(1), 3-21. doi:10.1080/10615806.2011.608126.
- Sica, L. S., Sestito, L. A., & Ragozini, G. (2014). Identity coping in the first years of university: Identity diffusion, adjustment and identity distress. *Journal of Adult Development*, 21(3), 159-172. doi:10.1007/s10804-014-9188-8.
- Steinberg, L. (1981). Transformations in family relations at puberty. *Developmental Psychology*, 17(6), 833-840. doi:10.1037/0012-1649.17.6.833.
- Tajfel, H., & Turner, J.C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W.G. Austin (Eds.), *The psychology of intergroup relations*, (pp. 7-24). Chicago: Nelson-Hall.
- Watkins, R. E. (2008). Construtive and unconstrutive repetitive thought. *Psychological Bulletin*, 134(2), 163-206. doi:10.1037/0033-2909.134.2.163.

Anexos

Anexo I: Termo de Consentimento Informado – Adultos Emergentes

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias está a desenvolver um estudo sobre o desenvolvimento da identidade em adolescentes e jovens adultos. O estudo está sob a coordenação da Professora Doutora Ana Prioste. Se tem entre 18 e 30 anos e pretende colaborar connosco, por favor, leia atentamente as informações abaixo:

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DO ESTUDO?

É um projeto de investigação que pretende descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade.

SE ACEITAR PARTICIPAR, O QUE ME É PEDIDO? Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

QUAL A VANTAGEM DE PARTICIPAR? A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

SOU OBRIGADO A PARTICIPAR? A sua participação é voluntária. O preenchimento dos questionários poderá ser interrompido a qualquer momento. **QUEM**

TEM ACESSO AOS DADOS? Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais.

Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade. **SE PRECISAR DE MAIS INFORMAÇÕES,**

COM QUEM DEVO CONTACTAR? Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e da participação que me é solicitada, participando voluntariamente. Concordo ainda que os dados sejam trabalhados anónima e coletivamente pelos investigadores responsáveis, no âmbito dos objetivos a que este estudo se dirige.

Rubrica: _____ Data: _____

Anexo II: Termo de Consentimento Informado e declaração de Consentimento

Informado e Assentimento Informado - Adolescentes

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O/A seu/sua educando/a é convidado/a a participar voluntariamente num estudo desenvolvido pela Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e coordenado pela Professora Doutora Ana Prioste. Para que possa decidir se deseja ou não que o seu educando participe neste estudo, deve compreender quais os seus objetivos, potenciais riscos e benefícios, para que possa tomar uma decisão consciente. Todas estas informações estão presentes neste formulário designado por termo de consentimento informado. Leia atentamente este formulário e coloque à equipa do estudo todas as perguntas que considere necessárias. A equipa de investigação deste estudo irá esclarecer qualquer dúvida que tenha sobre este estudo, bem como quaisquer outras informações que julgue necessárias.

Depois de compreender a finalidade deste estudo e se desejar participar, ser-lhe-á solicitado que assine este termo.

Contextualização e finalidade do estudo

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, que consiste num grupo de pessoas independentes, que avaliam o protocolo do estudo verificando e a existência de riscos para os participantes.

Este estudo tem como finalidade descrever o impacto de fatores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade em adolescentes e em jovens adultos.

Se aceitar, o que é pedido ao meu educando/à minha educanda?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

Possíveis riscos ou inconvenientes da participação do meu educando/da minha educanda?

Não antecipamos riscos na participação do seu educando/da sua educanda.

Qual a vantagem de participar?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá

contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

Participação/ Abandono voluntário

A participação do seu educando/da sua educanda é voluntária, podendo recusarem-se a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem qualquer tipo de penalização por este facto.

Quem tem acesso aos dados?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

Condições financeiras inerentes ao estudo

Não será remunerado pela participação neste estudo. Não haverá, portanto, qualquer custo para o participante pela sua participação neste estudo.

Se precisar de mais informações, com quem devo contactar?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaração de Consentimento Informado

Fui informado de que a participação do meu educando/da minha educanda neste estudo é voluntária e que por isso podemos recusar-nos a participar, ou que podemos retirar-nos deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto. Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objetivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

_____ / ____ / ____

Nome do participante

Data

_____ / ____ / ____

Nome da pessoa que obteve o consentimento

Data

Declaração de Assentimento

Fui informado de que a minha participação neste estudo é voluntária e que por isso posso recusar-me a participar, ou que posso retirar-me deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto.

Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objetivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

Nome do participante

____/____/____

Data /Assinatura